



ENTRE EXTERMINIOS E POGROMS

FREDY PERLMAN

título original: *Anti-Semitism
and the Beirut Pogrom.*
Fredy Perlman, 1982.

publicado originalmente em inglês na
revista anarquista *Fifth State*, 1983.

este texto está disponível em
edicoesinsurrectas.noblogs.org

**INCITAMOS À PIRATARIA,
ODIAMOS A PROPRIEDADE!**

**ABOLIR AS FRONTEIRAS,
ESMAGAR O COLONIALISMO!**

**PALESTINA LIVRE
DO RIO AO MAR!**

Escapar da morte numa câmara de gás ou *Pogrom*¹, ou da prisão num campo de concentração, pode oferecer a um escritor pensativo e hábil – a exemplo de Alexander Soljenítsin² –, *insights* profundos sobre muitos dos elementos centrais da existência contemporânea, mas essa experiência não o torna, por si só, um pensador, um escritor ou mesmo um crítico de campos de concentração; não lhe confere, por si só, nenhum poder especial. Em outra pessoa a experiência pode permanecer dormente como uma potencialidade, ou continuar eternamente sem significado, ou pode contribuir para transformar a pessoa em um monstro. Em suma, a experiência é parte indelével do passado do indivíduo, mas não determina o seu futuro; o indivíduo é livre para escolher seu futuro; ele é até mesmo livre para escolher abolir sua liberdade, e nesse caso ele escolhe de má fé e é um *Salaud*³ (termo preciso usado por J.P. Sartre para descrever a pessoa que faz tal escolha).

Minhas observações são oriundas de Sartre; eu gostaria de aplicá-las não a Soljenítsin, mas a mim mesmo, como indivíduo específico, e aos Americanos que agem como líderes de torcida para o Estado de Israel, como escolha específica.

-
- 1 Nota Edições Insurrectas: Termo que em russo significa “causar estragos, destruir violentamente”. Conhecido ao menos desde o final do século XIX e utilizado para se referir à perseguição e ao ataque brutal contra um grupo de pessoas, em especial de caráter étnico e/ou religioso, incluindo agressões físicas, mortes, expulsões e destruição do território.
 - 2 N.E.: Autor russo preso por mais de uma década em um dos campos de concentração soviéticos durante o regime *stalinista*. Sobre o cotidiano de horror dos campos, escreve o livro *Arquipélago Gulag*.
 - 3 N.E.: Em português, pode ser traduzido como *babaca* ou *canalha*.

Eu era uma das três crianças pequenas retiradas pelos mais velhos de um país na Europa Central um mês antes dos Nazis invadirem e começarem a prender judeus. Apenas parte da minha família estendida fugiu, o restante permaneceu e foram todos presos; desses, todos os meus primos, tios e avós morreram em campos de concentração ou câmaras de gás nazistas, exceto dois tios, os quais mencionarei adiante. Um mês mais e eu também seria um daqueles que foram submetidos ao extermínio científica e racionalmente planejado de seres humanos, a experiência central de tantas pessoas na era da ciência e das forças produtivas altamente desenvolvidas, mas eu não poderia ter escrito a respeito.

Eu fui um daqueles que escaparam. Eu passei a minha infância entre falantes de *quechua* no planalto dos Andes, mas eu não aprendi a falar *quechua* e eu tampouco me perguntei o porquê; eu falei com um *quechua* numa língua estrangeira a ambos, a língua do Conquistador. Eu não tinha consciência de mim como um refugiado e nem dos *quechua* como refugiados na sua própria terra; eu não sabia mais a respeito dos horrores — as expropriações, perseguições e *pogroms*, o aniquilamento de uma cultura ancestral — vividos pelos antepassados deles do que eu sabia a respeito dos horrores vividos pelos meus.

Para mim, os *quechua* eram generosos, hospitaleiros e sinceros, e eu tinha mais consideração por minha tia que os respeitava e gostava do que por uma parente que os enganava, os desprezava e os chamava de sujeitos primitivos. As trapaças desta parente foram os meus primeiros contatos com o duplo padrão de espoliar os de fora para enriquecer os de dentro, a máxima moral que diz: “está tudo bem se somos Nós quem fazemos”.

O desprezo dela foi minha primeira experiência com o racismo, o que a garantiu uma afinidade com os *Pogromistas* dos quais ela esca-

pou; sua fuga não a fez crítica deles; a experiência provavelmente não contribuiu em nada para a sua personalidade, nem mesmo para a sua identificação com o Conquistador, uma vez que isso também era compartilhado com europeus que não passaram por sua experiência de escapar por pouco de um campo de concentração. Camponeses europeus oprimidos se identificaram com Conquistadores que promoviam uma opressão muito mais cruel sobre não-europeus antes ainda mesmo da experiência da minha parente.

Anos mais tarde, ela fez uso da sua experiência quando escolheu ser uma entusiasta do Estado de Israel. A essa altura ela não renunciou ao desprezo que nutria pelos *quechua*; pelo contrário, aplicou esse mesmo desprezo contra pessoas de outras partes do mundo, pessoas que ela nunca sequer conheceu ou esteve junto. Mas, naquele tempo, eu não tinha noção do caráter da escolha dela; eu estava mais preocupado com os chocolates que ela me trazia.

* * *

Na minha adolescência eu fui trazido para a América, o que era sinônimo de Nova York mesmo para quem já vivia na América entre os *quechua*; porém, era sinônimo de muito mais, como eu aprenderia pouco a pouco. Logo após a minha chegada em terras americanas, o poder estatal do país Centro-Europeu onde nasci foi tomado de assalto por uma gangue bem-organizada⁴ de igualitários que acreditavam em poder trazer a emancipação universal ocupando postos estatais e se tornando policiais. Além disso, na época, o recente Estado de Israel travou a sua primeira guerra bem-sucedida e transformou uma popu-

4 N.E.: Perlman nasceu em 1934, na cidade de Brno, localizada na então Checoslováquia. Nesta passagem ele se refere à invasão e anexação militar da região pela União Soviética em 1948.

lação indígena de *semitas* em refugiados internos, como os *quechua*, e refugiados exilados, como os *judeus* da Europa Central. Eu deveria ter me perguntado por qual motivo os refugiados *semitas* e os refugiados europeus que reivindicavam ser *semitas*, dois povos com tanto em comum, não se uniram em conjunto contra opressores, mas eu estava preocupado demais tentando encontrar meu caminho na América.

Através de um amigo da escola fundamental, tido pelos meus pais como um delinquente, e também por meio dos meus próprios pais, eu aprendi lentamente que a América era o lugar onde todos queriam estar, algo como o *Paraíso*, mas um *Paraíso* que permanecia inacessível mesmo após adentrar na América. Meu amigo delinquente colocava isso de forma simples: *existem os otários e os espertos, e você tem que ser estúpido para ser um otário*. Meus pais eram menos explícitos, eles diziam: “estude muito”. A motivação implícita era: “que Deus te proíba de virar um atendente ou um operário de fábrica! Seja outra coisa: um profissional ou um gerente!”.

Naquela época, eu não sabia que esses outros chamados também eram da América, que a cada degrau alcançado, o *Paraíso* permanecia tão inacessível quanto antes. Eu não sabia que a satisfação do profissional ou mesmo do atendente ou do trabalhador não vinha da plenitude da sua própria vida, mas da rejeição da sua vida, e da identificação com o grande processo que ocorria fora de si, o processo de destruição industrial desenfreada. O resultado desse processo podia ser assistido em filmes ou jornais, embora ainda não na televisão, que logo traria o processo para dentro das casas de todos; a satisfação era aquela do *voyeur*, do espectador. Naquele momento, mal sabia eu que aquele processo era o sinônimo mais preciso para América.

Uma vez na América, eu não tinha uso para a minha experiência de escapar por pouco de um campo de concentração Nazi; a experiência

não me ajudaria a subir os degraus em direção ao *Paraíso* e poderia até me impedir; minha subida apressada poderia ser atrasada de forma considerável ou até mesmo interrompida por completo se eu tentasse empatizar com a condição do prisioneiro de campos de trabalho que eu poderia ter me tornado, pois eu perceberia o que tornava o prospecto do trabalho fabril tão atemorizante: se diferencia da condição do detento meramente pela ausência de câmaras de gás e porque o operário fabril gastava somente os seus dias da semana como interno.

Eu não estava só em não conseguir fazer uso da minha experiência Centro-Europeia. Meus parentes também não faziam uso dela. Naque-la década, eu conheci um dos meus dois tios que viveram num campo de concentração Nazi. Uma vez na América, mesmo esse tio não fazia uso dessa experiência; ele queria apenas esquecer o *Pogrom* e tudo a ele associado; queria apenas escalar os degraus da América; queria olhar, soar e agir como os outros Americanos. Meus pais tinham exatamente a mesma atitude. Contaram-me que meu outro tio sobreviveu aos campos e foi para Israel, apenas para ser atingido por um carro logo após a sua chegada.

O Estado de Israel não me interessava naquela década, embora eu tivesse ouvido sobre. Meus parentes falavam com um certo orgulho da existência de um Estado com *policiais judeus*, um *exército judeu*, *juízes judeus* e *gerentes de fábricas judeus*, em suma um Estado totalmente diferente da Alemanha Nazi e, tal como na América, meus parentes, independente das suas condições de vida, se identificavam mais com os *policiais judeus* do que com os policiados, com os proprietários de fábricas e não com os trabalhadores judeus, com os *judeus espertos* e não com os otários, uma identificação que era compreensível dentre pessoas que queriam apenas esquecer seu encontro próximo com cam-

pos de trabalho. Mas nenhum deles queria ir para lá; eles já estavam na América.

Meus parentes apoiaram a contragosto a causa *sionista* e ficaram perplexos — todos exceto a minha parente racista — com o entusiasmo absoluto de Americanos da segunda à enésima geração por um Estado distante com *policiais, professores e gerentes judeus*, uma vez que tais pessoas já eram *policiais, professores e gerentes* na América.

Minha parente racista entendeu do que esse entusiasmo se tratava: solidariedade racial. Mas eu não estava ciente disso naquela época. Eu não era um estudante secundarista americano muito brilhante e pensava que a solidariedade racial se restringia aos *Nazis*, aos *Africânderes*⁵ e aos *Sulistas Americanos*.

Eu começava a me familiarizar com as características dos *Nazis* que quase me capturaram: o racismo que reduzia seres humanos a suas conexões genealógicas ao curso de cinco ou seis gerações, o nacionalismo cruzado que considerava o resto da humanidade como um obstáculo, a *Gleichschaltung*⁶ que arrancava a liberdade de escolha dos indivíduos, a eficiência tecnológica que convertia humanos pequenos em mera forragem para grandes máquinas, o militarismo valentão que opunha paredes de tanques contra uma cavalaria e cobrava cem vezes as perdas que sofrera, a paranoia oficial que pintava o inimigo, moradores pobremente armados de povoados e vilarejos, como uma conspiração quase

5 N.E.: Sulafricanos brancos, defensores e beneficiários do regime do *apartheid*.

6 N.E.: Em português pode ser traduzido como “uniformização”; termo utilizado pelos nazistas para se referir ao movimento de uniformização de todos os âmbitos da vida a fim de ampliar o controle sobre todos os aspectos da sociedade, ou seja, todas as organizações sociais, políticas e culturais deveriam ser governadas pelos valores morais nazistas.

onipotente de escopo cósmico. Mas eu não percebia como esses traços tinham algo a ver com América ou Israel.

* * *

Foi apenas durante a década seguinte, como um estudante universitário americano com um leve interesse em história e filosofia, que eu comecei a adquirir um escasso conhecimento sobre Israel e o *sionismo*, não por estar particularmente interessado nesses temas, mas porque eles estavam inclusos nas minhas leituras. Eu não era nem hostil nem favorável; eu era indiferente; eu ainda não fazia uso da minha experiência como refugiado. Contudo, eu não permaneci indiferente a Israel ou ao *sionismo*.

Foi essa a década em que Israel realizou a captura espetacular e o julgamento do alemão Otto Adolf Eichmann⁷, e foi durante ela que Israel lançou a invasão espetacular sobre grandes partes do Egito, Síria e Jordânia numa *Blitzkrieg*⁸ de seis dias. Em tal década, Israel era notícia no mundo todo, não apenas para as pessoas refugiadas.

Eu não tinha nenhum pensamento não convencional sobre o obediente⁹ Eichmann exceto o de que ele não poderia ser tão excepcional assim, pois eu já conhecia pessoas como ele na América. Entretanto,

7 N.E.: Otto Adolf Eichmann, oficial nazista conhecido como responsável pelo planejamento e execução do plano de envio de milhões de pessoas para campos de extermínio alemães. Após a segunda guerra, foge para a Áustria e, em seguida, para a Argentina, onde é capturado pelo serviço secreto israelense em 1960, levado para ser julgado em Israel, onde foi enforcado dois anos depois.

8 N.E.: Guerra relâmpago, em alemão. Tática militar aplicada pelos nazistas que consistia em atacar o *inimigo* de surpresa com velocidade e força total a partir de batalhões aéreos, terrestres e marítimos.

9 N.E.: Durante o julgamento de Eichmann em Jerusalém, o nazista declarou que *apenas cumpria ordens*.

algumas das minhas leituras me levaram a refletir sobre o racismo da minha parente *sionista*. Eu aprendi que pessoas como os antigos *hebreus*, *acádios*, *árabes*, *fenícios* e *etíopes* vinham todos da *terra de Shem* (a Península Arábica), e que todos falavam a *língua de Shem*, o que fazia deles *semitas*. Eu aprendi que a religião judaica se originou entre os *semitas* no antigo *Estado levantino de Judá*; a religião Cristã entre *semitas* nas antigas cidades *levantinas* de Nazaré e Jerusalém; a religião Maometana entre *semitas* nas antigas cidades árabes de Meca e Medina, e que pelos últimos 1300 anos a região chamada de Palestina tinha sido um local sagrado para os *semitas* islâmicos que viviam por lá e nas regiões circundantes. Eu também aprendi que as religiões de judeus europeus e americanos, assim como as religiões de cristãos europeus e americanos, foram elaboradas, durante quase dois milênios, por europeus e mais recentemente por americanos.

Se judeus europeus e americanos eram *semitas* em termos da sua religião, então cristãos europeus e americanos também eram *semitas*, uma noção que geralmente seria tida como absurda. Se os judeus eram *semitas* em termos da língua do seu *Livro Sagrado*, então todos os cristãos europeus e americanos eram gregos ou italianos, uma noção quase tão absurda quanto. Eu comecei a suspeitar que a única conexão da minha parente *sionista* ao *Sião no Levante* era uma conexão genealógica traçada, não por seis, mas por mais de sessenta gerações. Mas eu tinha considerado esse cálculo racial como uma peculiaridade dos *Nazis*, *Africânderes* e *Sulistas Americanos*.

Eu estava apreensivo. Eu pensava que certamente havia mais do que isso; seguramente quem alegava descender das vítimas de todo aquele racismo não era portadora de um racismo dez vezes mais intenso. Eu sabia pouco sobre o *movimento sionista*, mas o suficiente para começar a me sentir repellido. Eu sabia que o *movimento* possuía originalmente

duas alas. Uma delas, a *ala socialista*, eu conseguia entender, pois estava começando a empatizar com as vítimas de opressão, não por meio dos *insights* que eu obtive a partir da minha própria experiência, mas através de livros igualmente acessíveis aos outros; a outra ala do *sionismo* era incompreensível para mim.

Os *sionistas igualitários* ou de *esquerda*, como eu então os entendia, não queriam ser assimilados aos Estados europeus que os perseguiram, alguns por pensarem que eles nunca seriam aceitos de fato, outros por se sentirem repelidos pela Europa e pela América industrializadas. O *Messias*, seu movimento, libertaria Israel do exílio e a guiaria até *Sião*, em direção a algo completamente diferente, a um *Paraíso* sem espertos ou otários. Alguns deles, de forma ainda mais metafórica, acreditavam que o *Messias* libertaria o oprimido dos seus opressores, senão em todo lugar, ao menos então numa *utopia igualitária milenar* localizada numa província do Império Otomano, e eles estavam prontos para se juntar aos residentes *islâmicos* de *Sião* contra os opressores *otomanos*, *levantinos* e *britânicos*. Eles compartilhavam esse sonho com os *cristãos milenaristas* que tentaram por mais de um milênio encontrar *Sião* numa ou noutra província europeia; ambos tinham as mesmas raízes, mas eu suspeitava que os *sionistas* de esquerda tinham herdado o seu *milenarismo* dos cristãos.

Os *sionistas igualitários* eram arrogantes por pensarem que os residentes *islâmicos* de *Sião* abraçariam esquerdistas europeus como seus libertadores, e eram tão ingênuos quanto os igualitários (URSS) que tomaram de assalto o poder estatal no país em que nasci, acreditando que o milênio começaria tão logo ocupassem postos no Estado e se tornassem policiais. Mas até onde eu pude ver, eles não eram racistas¹⁰.

10 N.E.: Importante ressaltar que diferentemente do nazismo, a questão étnico-racial não era central na URSS, logo, não há como falar em racismo no sentido estrito. Todavia, quando alargamos a noção de racismo para

Os outros *sionistas*, de *direita*, que no momento que eu cheguei à faculdade tinham suplantado totalmente a *esquerda*, pelo menos na América, eram racistas explícitos e áridos assimilacionistas; eles queriam um Estado *dominado por uma Raça* tão mal disfarçada como religião, um Estado que não seria muito diferente, mas exatamente o mesmo que a América e outros estados na *Family of Nations*. Isso eu não era capaz de entender, pois parecia que esses *sionistas*, incluindo estatistas, industrializadores e tecnocratas, eram não apenas racistas como também *convertidos*. Os *convertidos* do passado eram *judeus* na Espanha do século XV que, visando evitar a perseguição, descobriram que o tão aguardado *Messias judeu* já tinha chegado, um milênio e meio antes, na pessoa do profeta judeu *Jesse*, o *Crucificado*. Alguns desses *convertidos* se juntaram, então, à Inquisição e perseguiram judeus que não fizeram tal descoberta.

Os *convertidos* modernos não se tornaram *católicos*; catolicismo não era o credo dominante no século XX; mas sim a Ciência e a Tecnologia. Eu penso que *Jesse* ao menos afirmou, mesmo que apenas como vestígios, alguns traços da antiga comunidade humana, enquanto a Ciência e a Tecnologia não afirmam nada humano; elas destruíram a cultura, a natureza e a comunidade humana.

Parecia trágico que as especificidades tão preservadas e cuidadosamente guardadas de uma minoria cultural que recusou ser absorvida

além da questão racial propriamente dita, fundamentada em características físicas e genéticas, é possível dizer, como faz Michel Foucault, que havia uma presença de um *racismo de Estado* não apenas na URSS, mas também no Estado acoplado ao regime capitalista. Em suas palavras, há a manifestação de “um racismo que uma sociedade vai exercer sobre si mesma, sobre seus próprios elementos, sobre seus próprios produtos; um racismo interno, o da purificação permanente, que será uma das dimensões fundamentais da normalização social”. Para saber mais, veja o livro *Em defesa da sociedade*, de Foucault.

estilhaçaram-se em decorrência da descoberta de que o Estado tecnocrático era o *Messias* e o *Processo Industrial* o tão aguardado milênio. Isso tornava toda a trajetória sem sentido. O sonho desses *convertidos* racistas era repulsivo para mim.

* * *

Foi somente na década seguinte, quando eu já tinha mais de trinta anos, que minha proximidade ao *Pogrom Nazi* começou a ser dotada de significado para mim. Essa transvaloração da minha experiência passada aconteceu de forma repentina e resultou de um encontro casual, um encontro que, também por acaso, incluía uma referência estranha ao *Estado de Israel*. Essa foi a década em que a América travou sua guerra de extermínio contra um povo e uma cultura antiga do Extremo Oriente. Aconteceu que eu estava visitando os meus parentes *americanizados* na mesma ocasião em que a minha tia *andina* estava com eles pela primeira vez desde a sua separação. Essa era a tia que respeitava o povo falante de *Quechua*, embora não o suficiente para aprender a língua deles, e que permaneceu entre eles quando os outros partiram.

A conversa entre os familiares levou a reflexões piedosas sobre o tio que tinha partido para Israel e fora morto por um carro após sobreviver aos campos de concentração *Nazi*. Minha tia *andina* não podia acreditar no que ouvia. Ela perguntou aos parentes se eles todos tinham enlouquecido. A história do acidente de carro foi contada para as crianças tantas vezes que os próprios adultos passaram a acreditar nela. “Aquele homem não tinha morreu em um acidente”, ela gritou. Ele cometeu suicídio. Ele sobreviveu aos campos de concentração porque era um técnico empregado para aplicar a ciência química na operação das câmaras de gás. Ele então cometeu o erro de emigrar para Israel, onde a sua *colaboração* passou a ser de conhecimento público. Ele

provavelmente não conseguiu lidar com os olhares acusatórios; talvez ele temesse retaliação.

Minha primeira resposta a essa revelação foi a repulsa contra um ser humano que chegava ao nível de degradação moral de gasear seus próprios parentes e companheiros de cativeiro. Mas quanto mais eu pensava a respeito dele, mais eu precisava admitir que havia ao menos um pingo de integridade moral em seu ato final autodestrutivo; aquele ato não o transformava em nenhuma referência moral, mas contrastava nitidamente com os atos de pessoas que não tinham integridade moral alguma, pessoas que retornavam do *Extremo Oriente* afirmando os seus feitos, na verdade, vangloriando-se das atrocidades monstruosas que infligiram aos seus semelhantes humanos. E eu me perguntei quem os outros realmente eram, os puros que expuseram e julgaram Eichmann, o *alemão obediente*.

Eu não sabia nada sobre as pessoas de Israel e nunca tinha conhecido um israelense sequer, mas eu estava cada vez mais atento aos americanos barulhentos que agiam como líderes de torcida para o Estado de Israel, e não haviam *sionistas de esquerda* entre eles, mas meramente os outros, os amigos da minha parente racista. A esquerda toda tinha desaparecido rumo a um limbo obscuro e sectário em que ninguém de fora conseguia penetrar, um limbo que fedia quase tão fortemente quanto aquele que continha os herdeiros dos *Messias Lenin e Stalin*, com seitas distorcidas pela existência do Estado de Israel. Isso ia desde aqueles que consideravam a tomada do poder o todo necessário para transformar o Estado de Israel numa comunidade igualitária, até quem alegava que o próprio Estado de Israel existente já era a comunidade igualitária.

Todavia, os *sionistas de esquerda* gritavam apenas para si mesmos. Eram os outros que faziam toda a barulheira, que gritavam para todo

mundo. E esses eram explícitos sobre o que admiravam no Estado de Israel; eles afirmavam isso, se vangloriavam disso, o que não tinha nada a ver com o *igualitarismo* da ala enfraquecida. O que eles admiravam era:

- o nacionalismo cruzado, que considerava a humanidade circundante como um obstáculo pro seu florescimento;

- a potência industrial da *Raça*, que foi bem-sucedida em seu projeto de desnaturar o deserto e fazê-lo florescer;

- a eficiência dos seres humanos convertidos em operadores de tanques gigantes e jatos incrivelmente precisos;

- a sofisticação tecnológica dos instrumentos de morte, infinitamente superiores aos dos Nazis;

- a polícia secreta espetacularmente bem-sucedida, cuja proeza certamente não era inferior, para um Estado tão pequeno, àquela da *CIA*, *KGB* ou *Gestapo*;

- o militarismo agressivo que opôs as últimas invenções da Ciência mortífera contra uma coleção heterogênea de armas e exigiu cem ou mil vezes as perdas que sofreu.

Essa última característica, que expressava a moralidade de exigir centenas de olhos por um único olho e milhares de dentes por um único dente, soava particularmente repulsiva na boca de um torcedor de um *Estado teocrático* em que uma *elite ética* alegava fornecer orientação inspirada em assuntos morais; contudo, isso apenas surpreenderá aos desinformados sobre a história das teocracias. Ao longo dessa década, o racismo, o *antisemitismo*, para ser mais preciso, desses admiradores do Estado de Israel tornou-se virulento. Os *semitas expropriados de Sião* não eram mais tidos como seres humanos; eles eram árabes atrasados. Apenas os que se transformaram em bons israelenses *assi-*

milados poderiam ser chamados de humanos; os outros eram *primitivos* e *sujos*. E *primitivos*, na definição fornecida alguns séculos antes pelos *Conquistadores*, não apenas não possuíam nenhum direito de resistir à humilhação, expropriação e desolação; *primitivos* não tinham o direito de existir; eles apenas desperdiçavam os recursos da natureza, eles não sabiam o que fazer com os dons preciosos de Deus! Somente os *escolhidos* de Deus sabiam como usar os dons do Grande Pai, e eles sabiam exatamente o que fazer com eles.

Entretanto, mesmo enquanto insistiam no atraso dos expropriados, os torcedores se tornavam paranoicos e pintavam a resistência patética dos expropriados como uma vasta conspiração de incontável poder e de escopo quase cósmico. A expressão de Sartre *mauvaise*¹¹ é fraca demais para caracterizar a postura adotada por essas pessoas, mas não é minha intenção cunhar uma nova expressão.

* * *

Eu sobrevivi até os quarenta anos graças, em partes, ao fato de que a América ainda não exterminou a si e a todo o resto da humanidade com incinerantes de alta potência e venenos com os quais estava mineando [no sentido de colocar minas explosivas, tornando a terra letal], ou melhor, destruindo as suas terras, assim como as terras dos outros povos. Essa década combinou o que eu pensava que era incombinável: um amontado de revelações sobre o *Holocausto*, na forma de filmes, peças, livros e artigos, com o *Pogrom*, perpetrado contra *semitas levantinos* em Beirute pelo Estado de Israel¹².

11 N.E.: Do francês, *má-fé*. Conceito desenvolvido por Sartre para se referir, em linhas gerais, ao um ato de *autoengano* que leva uma pessoa a renunciar a liberdade de tomar a decisão sobre a sua própria vida.

12 N.E.: Este texto foi escrito originalmente em agosto de 1982, logo após o exército israelense realizar uma invasão militar da região sul do território

As revelações tocaram o *Holocausto* no Vietnã apenas de forma marginal; talvez duas gerações devam se passar antes que a sujeira seja retirada dos baús. As revelações eram quase todas acerca do *Holocausto* que eu por pouco escapara quando criança. Pessoas que não entendem a liberdade humana podem pensar que as revelações horripilantes produziriam somente um efeito: elas invariavelmente levariam as pessoas a se levantarem contra os perpetradores de tais atrocidades; elas invariavelmente fariam as pessoas se empatizarem com as vítimas; elas invariavelmente contribuiriam para a resolução de abolir a própria possibilidade de uma repetição de tais perseguições desumanizantes e assassinatos a sangue frio. Contudo, por bem ou por mal, tais experiências, independentemente de serem pessoalmente vividas ou aprendidas por meio de revelações, não são nada senão o campo no qual a liberdade humana sobrevoa como uma ave de rapina. As revelações sobre o *Pogrom* de quarenta anos foram transmutadas em justificativas para o *Pogrom* atual.

Pogrom é uma palavra Russa que costumava se referir, e que nos últimos anos parecem até benignos, a um ataque de homens armados com porretes contra aldeões pouco armados e portadores de traços culturais diferentes; quão mais poderoso o Estado envolvido no ataque, mais hediondo era o *Pogrom*. Os agressores esmagadoramente mais fortes projetavam suas próprias características de valentões sobre suas vítimas mais fracas, convencendo a si mesmos de que suas vítimas

conhecido como Líbano, iniciada em junho daquele ano, sob o argumento de expulsar grupos palestinos ligados à Organização de Libertação da Palestina (OLP). Aproximadamente um mês após a escrita deste texto, entre 16 e 18 de setembro, milícias libanesas cristãs *maronitas*, apoiadas por Israel, promoveram um *Pogrom* que produziu massacre de palestinos nos campos de refugiados de *Chatila* e *Sabra*, na região libanesa ocupada. O número de mortos é incerto, mas levantamentos apontam que pode ter chegado a 3500 palestinos assassinados.

eram homens ricos, poderosos, bem-armados e aliados ao Demônio. Os agressores também projetavam sobre elas a sua própria violência, inventando histórias sobre a brutalidade das vítimas a partir de detalhes retirados do seu próprio repertório de feitos. Na Rússia do século XIX, um *Pogrom* era considerado particularmente violento se cinquenta pessoas fossem assassinadas. As estatísticas sofreram uma metamorfose absoluta no século XX, quando o Estado se tornou o principal agressor. As estatísticas dos *Pogroms* perpetrados pelos Estados alemão, russo e turco são conhecidas; as estatísticas dos *Pogroms* no Vietnã e Beirute ainda não são públicas.

Beirute e seus habitantes já foram desolados por conta da presença do movimento violento de resistência dos refugiados expropriados e expulsos de *Sião*; isso se as casualidades desses confrontos forem adicionadas ao número de mortos pelo envolvimento direto do Estado de Israel no ataque — mas eu paro por aqui; não quero brincar de jogo de números. O truque de declarar guerra contra a resistência armada e então atacar os parentes desarmados dos resistentes junto à população do entorno com os produtos mais macabros da *Ciência da morte* — esse truque não é novo. Os *Pioneiros americanos*¹³ também foram pioneiros nisso; eles transformaram em prática padrão declarar guerra contra guerreiros indígenas e então assassinar e queimar vilarejos que continham apenas mulheres e crianças. Essa já é a guerra moderna, o que conhecemos como guerra contra as populações civis; o que também foi chamada, de forma mais honesta, de assassinato em massa ou genocídio.

Talvez eu não devesse me surpreender que os perpetradores de um *Pogrom* se pintem como vítimas, no caso atual como vítimas do Holo-

13 N.E.: Colonos, na maioria europeus, responsáveis pela realização da chamada “conquista do Oeste” no território estadunidense, deixando um rastro de devastação e extermínio de povos indígenas.

causto. Herman Melville notou há mais de um século, em sua análise das metafísicas do ódio contra *indígenas*, que aqueles que faziam de sua profissão de tempo integral caçar e assassinar tais povos deste continente sempre apareciam, mesmo aos seus próprios olhos, como vítimas de caçadas humanas.

O uso que os *nazis* fizeram da ideia de *Conspiração Judaica Internacional* é mais conhecido: durante todos os anos de atrocidades que desafiam a crença, os *nazis* se consideravam as verdadeiras vítimas. É como se a experiência de vítima dispensasse a solidariedade humana, como se garantisse poderes especiais, como se desse uma *licença para matar*. Talvez eu não devesse me surpreender, mas eu não consigo evitar de sentir raiva, pois tal postura é a postura de um *Salaud*, a postura de alguém que nega a liberdade humana, que nega que escolheu ser um assassino. A experiência, independentemente de ser pessoalmente vivida ou aprendida por revelações, não explica e nem determina nada; não é nada senão um falso alibi.

Melville analisou a integridade moral dos que odiavam *indígenas*. Eu falo dos *Pogromistas* modernos, e mais estritamente dos que agem como líderes de torcida por *Pogroms*. Eu falo de pessoas que não mataram pessoalmente cinquenta nem cinco ou nem sequer um único ser humano. Eu falo da América, onde a busca é por mergulhar no *Paraíso* enquanto se evita qualquer tipo de contato com seu trabalho sujo, onde somente uma minoria está envolvida na feitura pessoal do trabalho sujo, onde a ampla maioria são *voyeurs* em tempo integral, espectadores, professores universitários, chame do que quiser.

Entre os *voyeurs*, estou focando nos *voyeurs* de *Holocaustos* e *Pogroms*. Eu fico me referindo ao que acontece na tela porque é o que está sendo assistido. Mas minha preocupação é com o espectador, com

aquele que escolhe ser um *voyeur*, especificamente um *voyeur* de *Holocaustos*, um líder de torcida para esquadrões de morte.

Mencione as palavras *Beirute* e *Pogrom* na mesma frase para um desses e ele vomitará toda a moralidade que tem dentro de si: ele não vai vomitar muito. A resposta mais provável que você receberá é uma risada imbecil e um riso cínico.

Eu fico me lembrando do meu tio, aquele que não foi atingido por um carro, que ao menos teve fagulha de integridade moral de ver o que os outros viam e rejeitar, e eu contrastei meu tio com essa pessoa que ou não enxerga nada ou cinicamente afirma o que vê, cinicamente aceitando a sua posição. Se ele é um intelectual, um professor universitário, ele responderá com o equivalente exato da risada imbecil ou do riso cínico, mas com palavras; ele te bombardeará de sofismas, meias verdades e mentiras descaradas que são perfeitamente transparentes para ele, mesmo quando as profere. Esse não é um idealista imaginativo e sonhador, mas um materialista vulgar, realista e orientado para a propriedade, sem ilusões sobre o que constitui a expropriação do que ele chama de *Real Estate*. Ainda assim, esse homem do *Real Estate* começará a lhe dizer que a *Sião levantina* é uma Terra Judaica e então ele apontará para um título de dois mil anos.

Ele chama Hitler de louco por reivindicar a *Sudetenland*¹⁴ como terra alemã por rejeitar totalmente as regras que a enquadrariam como terra alemã: tratados internacionais de paz estão incluídos nessas regras, expropriações violentas não. Mesmo assim, repentinamente ele apresenta uma série de regras, que se realmente aceitasse, pulverizariam a totalidade do edifício da *Propriedade Real*. Se ele realmente acei-

14 N.E.: Região dos “Sudetas”, localizada nas áreas norte, oeste e sudoeste do território hoje conhecido como República Checa, habitadas quase em sua totalidade por povos que têm historicamente o alemão como idioma.

tasse essas regras, estaria vendendo lotes em *Gdansk* [hoje Polônia] para *Cassubianos*¹⁵ que retornam do exílio; terrenos extensos em Michigan, Wisconsin e Minnesota para o povo indígena *Ojibwe* que se reapropriariam de sua terra natal; grandes propriedades no Irã, Iraque e boa parte da Turquia para *parses indianos* que retornariam para os seus lares; e ele teria até mesmo que arrendar parcelas da própria *Sião* a chineses descendentes de *cristãos nestorianos* e para muitos outros além deles. Tais argumentos tem mais afinidade com a risada imbecil do que com o riso cínico.

O riso cínico traduzido em palavras seria: “*Nós* (eles sempre dizem *Nós*) conquistamos os *primitivos*, os expropriamos e os expulsamos; os expropriados ainda estão resistindo, e nesse meio tempo *Nós* recebemos duas gerações que não possuem outro lar além de *Sião*; sendo realistas, *Nós* sabemos que podemos pôr um fim à resistência de uma vez por todas por meio do extermínio dos expropriados”.

Esse cinismo sem um pingão de integridade moral pode ser realista, mas também pode ser aquilo que Charles Wright Mills chamou de *Crackpot Realism*¹⁶, já que a resistência pode sobreviver e se espalhar e até mesmo durar tanto quanto a resistência Irlandesa. Há ainda outra resposta, a resposta do valentão armado com porretes da *Liga de Defesa Judaica*¹⁷ que pensa que a ausência de uma camisa marrom o torna irreconhecível. Ele fecha os punhos ou aperta ainda mais o porrete em seu clube e grita: *Traidor!* Essa resposta é a mais ameaçadora, pois ale-

15 N.E.: Antigo povo eslavo que, em sua maioria, foi germanizado entre os séculos XIV e XX.

16 N.E.: Conceito desenvolvido pelo sociólogo Wright Mills (1916-1962) para se referir, em linhas gerais, ao fato de que alguns, em especial as figuras de autoridade, lançam mão do argumento “realista” para construir teorias conspiratórias e sustentar uma realidade paranoica própria.

17 N.E.: Organização estadunidense criada em 1968 com o objetivo de promover a “autodefesa judaica”.

ga que *Nós* é um clube no qual todos são bem-vindos, mas a filiação de alguns é compulsória. Nesse uso, *Traidor* não significa *antissemita*, uma vez que se destina a pessoas que se empatizam com a pilhagem dos atuais *semitas*. *Traidor* não significa *Pogromista*, uma vez que se destina a pessoas que ainda empatizam com as vítimas do *Pogrom*. Esse termo é um dos poucos componentes do vocabulário dos racistas que perdura ao longo das eras. Significa: *Traidor da Raça*.

E agora eu chego ao único elemento que o novo *antissemita* ainda não compartilha com o velho *antissemita*: *Gleichschaltung*¹⁸, a *sincronização* totalitária de toda atividade política e de toda a expressão. Toda a *Raça* deve marchar junto, no mesmo ritmo; *todos devem obedecer*. A singularidade do condenado Eichmann é reduzida a uma diferença no ritual festivo. Parece-me que esses valentões não são mantenedores das tradições de uma cultura perseguida. Eles são *convertidos*, mas não ao catolicismo dos reis Dom Fernando II de Aragão e à rainha Dona Isabel de Castela; eles são *convertidos* à prática política do *Führer*.

O longo exílio acabou. O refugiado perseguido finalmente retorna a *Sião*, mas depois de tantas cicatrizes ele se encontra irreconhecível, ele se perdeu completamente; ele retorna como *antissemita*, como *Pogromista*, como assassino em massa; as eras de exílio e sofrimento ainda estão incluídas na sua maquiagem, mas meramente como autojustificativas e como um repertório de horrores para impor aos *primitivos* ou à própria Terra. Penso que já mostrei que a experiência do *Holocausto*, independente se vivida ou assistida, por si só, não leva um indivíduo a ser crítico de *Pogroms*, e também não confere poderes especiais nem dá a alguém uma licença para matar ou ser um assassino em massa. Mas eu ainda nem sequer toquei na questão mais ampla que tudo isso

18 N.E.: Ver nota 6, p.8.

suscita: posso começar a explicar por que alguém escolhe ser um assassino em massa?

Penso que posso começar a responder. Sob o risco de plagiar o retrato de Sartre sobre o velho *antissemita*, eu posso ao menos tentar apontar um ou dois elementos no campo de escolha do novo *antissemita*. Eu posso começar por notar que o novo *antissemita* não é realmente tão diferente de qualquer outro espectador de TV, e que assistir TV está no cerne da escolha (eu incluo jornais e filme). O que o espectador assiste na tela são alguns dos feitos “interessantes”, filtrados e censurados, do conjunto monstruoso em que ele desempenha um papel trivial, mas cotidiano. A atividade central, mas pouco televisionada desse vasto conjunto é o trabalho industrial e clerical, o trabalho compulsório, ou simplesmente só trabalho, o “*Arbeit*” que “*macht frei*” [em alemão “o trabalho liberta”: um slogan presente na entrada de campos de trabalho escravo *Nazi*]. Soljenítsin, nos múltiplos volumes do seu *Arquipélago Gulag*, oferece uma análise profunda do que tal *Arbeit* faz na vida interna e externa de uma pessoa; uma análise comparavelmente profunda sobre a administração que *sincroniza* a atividade, as instituições treinadoras que produzem os *Eichmanns* e os *químicos* que aplicam meios racionais na perpetração dos fins irracionais dos seus superiores ainda deve ser formulada.

Eu não posso resumir as descobertas de Soljenítsin; seus livros devem ser lidos. Num espaço curto eu posso apenas dizer que a parte da vida gasta no *Arbeit*, a trivialidade da existência num mercado de mercadorias como vendedor ou consumidor, trabalhador ou cliente, deixa um indivíduo sem parentesco ou comunidade ou significado; desumaniza-o, deixa-o vazio; não deixa nada dentro dele exceto as trivialidades que compõem o seu exterior. Ele não possui mais a centralidade, a significação, os autopoderes conferidos a todos os membros das comu-

nidades antigas que não mais existem. Ele nem mesmo possui a centralidade falsa das religiões, que preservavam uma memória das qualidades antigas enquanto conciliavam as pessoas a mundos onde essas qualidades estavam ausentes. Até mesmo as religiões foram esvaziadas, reduzidas a rituais vazios cujo significado fora há muito perdido.

O vazio está sempre lá. É como fome: machuca.

Nada parece ser capaz de preenchê-lo.

Ah, mas existe algo que o preenche ou pelo menos leva a crer. Pode ser serragem e não queijo ralado, mas dá ao estômago a ilusão de que está sendo alimentado; pode ser uma abdicação total dos próprios poderes, uma autoaniquilação, mas cria a ilusão de auto realização, de reapropriação dos próprios poderes perdidos. Isso é a *visão transmitida* que pode ser assistida no tempo livre, e preferencialmente o tempo todo. Ao escolher ser um *voyeur*, o indivíduo pode assistir a tudo que ele não é mais. Todos os próprios poderes que ele não mais possui, e *Isto* tem; *Isso* possui ainda mais poderes; *Isto* tem poderes que nenhum indivíduo jamais teve; *Isto* tem o poder de transformar desertos em florestas e florestas em desertos; *Isto* tem o poder de aniquilar povos e culturas que sobreviveram desde o princípio do tempo e não deixar traço algum de que já existiram; *Isto* tem ainda o poder de ressuscitar os povos e culturas desaparecidos e dotá-los de vida eterna sob o condicionado dos museus. No caso de o leitor ainda não ter adivinhado, com *Isto* me refiro ao conjunto tecnológico, o processo industrial, o *Messias* chamado *Progresso*. É a *América*.

O indivíduo privado de significado decide dar o salto final para a falta de significado ao se identificar com o próprio processo que o priva deste. Ele se torna *Nós*, o explorado se identificando com o explorador. Daí em diante, seus poderes são *Nossos* poderes, os poderes do conjunto, os poderes da aliança de trabalhadores com seus próprios

chefes conhecida como *Nação Desenvolvida*. O indivíduo sem poder se torna uma engrenagem essencial ao Deus todo poderoso que tudo conhece e tudo vê, o computador central; ele e a máquina se tornam um. Sua imersão se torna uma orgia durante as cruzadas contra aqueles que ainda se encontram fora da máquina: árvores intocadas, lobos, *primitivos*. Durante essas cruzadas, ele se torna um dos últimos *Pioneiros*; ele dá as mãos ao longo dos séculos aos *Conquistadores* da parte Sul e aos *Pioneiros* da parte Norte deste continente duplo; ele dá as mãos aos odiadores de *indígenas* e aos *Descobridores* e *Cruzados*; ele ao menos sente a América correndo nas suas veias, a América que já fermentara nos caldeirões dos Alquimistas Europeus muito antes de Cristóvão Colombo (o *convertido*) alcançar o Caribe, Walter Raleigh os *algonquinos* ou Jacques Cartier os *iroqueses*; ele dá o *coup de grâce* (golpe de misericórdia) à sua humanidade restante ao se identificar com o processo de extermínio da cultura, natureza e humanidade.

Se eu continuasse provavelmente chegaria a resultados já encontrados por Wilhelm Reich no seu estudo da psicologia de massa do *Fascismo*. Irrita-me que um *novo Fascismo* opte por usar a experiência das vítimas do *Fascismo* anterior entre as suas justificativas.

PALESTINA

★ LIVRE ★

DO RIO AO MAR!



ABOLIR AS FRONTEIRAS
ESMAGAR O COLONIALISMO



EDICOESINSURRECTAS.NOBLOGS.ORG